



## dispersão dos vestígios:

A zona de maior potencial arqueológico corresponde ao perímetro delimitado.

## espólio:

Inexistente.

## local de depósito do espólio:

## trabalho realizado:

Visita

## conservação:

Indeterminado

## uso do solo:

Urbano

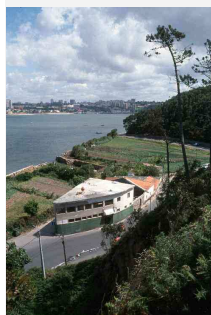
## ameaças:

Construção civil

## fontes:

DHVTECNOPOR 2004; SILVA, A. M.; GUIMARÃES; BARBOSA 2005

## observações:



## designação:

Lago do Linho/Cais de São Paio

## tipologia:

Indeterminado

## período histórico:

Época Contemporânea

## freguesia:

Canidelo

## lugar:

## coord. geográficas(datum 73):

-44185.6571,163216.2094,0

## altitude (m):

3

## carta 1/25 000:

122

## código inventário arquitectura:

## código nacional de sítio:

## classificação / protecção:

Inventariado

## categoria de protecção proposta:

Zona Arqueológica Potencial

## situação e acessos:

Designa-se como "Lago do Linho" uma zona baixa aluvionar, na desembocadura no Douro de uma pequena linha de água. Presentemente enquadra-se a área entre a Rua do Lago do Linho e o início da Av. Diocleciano Monteiro. O Cais de São Paio, com a sua pequena doca, fecha a antiga enseada de S. Paio, frente à zona do Lago do Linho.

## breve caracterização:

O local, hoje algo incaracterístico, concentra todavia curiosas memórias de antigas vivências e actividades, relacionadas com o mundo agrícola tradicional, com a vida piscatória e até com a economia industrial. As primeiras explicam o topónimo "Lago do Linho" (e não Largo, como por lapso se regista por vezes) e estão representadas, se bem que de forma residual, nos campos e numa pequena construção, actualmente descaracterizada, localizada ao fundo da Rua Lago do Linho, sobre os canaviais da enseada de S. Paio. Nesses campos praticou-se, até há cerca de 60 anos, o cultivo do linho, e da necessidade de amolecer as fibras vegetais durante o seu processo de preparação resultou o topónimo "lago do linho", relacionado efectivamente com duas presas, hoje assoreadas. Uma linha de água alimentava um pequeno moinho – transformado na modesta habitação hoje existente – documentado já em 1861 e que terá laborado até cerca de 1945, conservando-se as mós no local ainda durante alguns anos. O conjunto de edifícios situados a Noroeste (actualmente um café e algumas habitações) e a pequena doca fluvial aí instalada evocam realidades cuja dilucidação histórica não foi possível concretizar apesar das pesquisas efectuadas. A doca ou cais fluvial tem cerca de 30m x 15 m e cotas de fundo acima de +1(ZH). Acede-se a ela através de um canal estreito com cerca de 5m de largura e comprimento de 15m aproximadamente (DHVTECNOPOR 2004). Constitua sem dúvida um abrigo para as embarcações, não parecendo crível, todavia, que a sua construção visasse simplesmente o apoio à pesca local. Nesta perspectiva, supomos que possa ter estado relacionada com outras actividades económicas evocadas pela tradição local. Por um lado, regista-se que no local funcionou uma

pequena seca de bacalhau; por outro recolhem-se, em mais que um informador, enigmáticas referências a uma “fábrica dos cães” que aí parece ter existido talvez entre os finais do século XIX e as primeiras décadas do século XX. Esta curiosa memória, muito arreigada, sustenta convictamente que a tal fábrica, e através da doca fluvial, chegavam cães, cavalos ou outros animais para abate. Tal referência parece aludir ao fabrico de óleos e sabões de origem animal, se bem que não tenhamos podido localizar, quer na bibliografia local, quer em trabalhos específicos sobre a indústria de Vila Nova de Gaia ou mesmo no arquivo municipal, qualquer menção a esta unidade industrial. Junto à doca encontram-se volumosos aterros de escória metálica industrial, mas não é possível determinar se resultam de qualquer actividade local ou apenas de aterro de inertes com outra proveniência.